

QUEM É VOCÊ ? ANÁLISE DE UM PRONOME PESSOAL ¹

Elaine de Fátima Alcará CORRADELLO

RESUMO *O trabalho consiste em focalizar a 2ª pessoa do discurso, você, sob distintas perspectivas: gramatical, sociolingüística e pragmático-discursiva, na tentativa de confirmar seu real funcionamento no discurso. Gramaticalmente, com base nas definições de Gramáticas Normativas Tradicionais, o pronome é classificado, pela maioria, apenas como um pronome de tratamento da 2ª pessoa, utilizado como forma íntima e familiar de tratamento, não sendo considerada a sua função indeterminadora no discurso, comumente usada pelos falantes do português do Brasil. De uma análise sociolingüística confere-se que são os falantes do sexo masculino, da 1ª faixa etária, os que mais se utilizam do você indeterminador, especialmente em situações dialógicas e menos formais. Pela análise pragmático-discursiva é possível chegar-se ao significado do pronome na instância discursiva, pela delimitação das pessoas envolvidas na referência, através da análise contextual, do posicionamento dos interlocutores, de suas intenções e de todas as estratégias que permeiam o discurso.*

ABSTRACT *The goal of the job is to focus the personal pronoun on the second person of the speech, você, under distinct perspectives: grammatical, sociolinguistics and pragmatic-discursive, having as a goal to confirm your real function in the discourse. Grammatically, based on the Tradicional Normative Grammars, the pronoun is classified, mostly, only as a treatment pronoun of the second person, using in the familiar and personal treatments, not being considered its indeterminating function, comonly used by brasilian portuguese speakers. Under a sociolinguistics analyses we can confirm that the male speakers of the first age, are those who most use the você indeterminator, especially under less formal dialoguing conditions. From a pragmatic-discursive analyse its possible to arrive to the pronouns meaning at the moment of production, trough the delimitation of the peoples involved in the reference, as of the contextual analyses, of the listeners positioning, their intentions on of all the strategies that surround the discourse.*

O pronome você nem sempre refere o interlocutor; a 2ª pessoa do discurso, mas pode referir, em certas instâncias discursivas, um interlocutor indefinido, que tanto pode

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 21 de outubro de 1997, sob a orientação do Prof. Dr. Sfrío Possenti.

significar a) a referência ao próprio locutor; b) a referência ao locutor, mais um grupo específico de pessoas; c) a referência ao locutor, mais interlocutor, mais “todo mundo”, “quem quer que seja”, indistintamente; e d) a referência a uma 3ª pessoa. Este comportamento indeterminador, todavia, não é reconhecido pelas Gramáticas Normativas Tradicionais (GNTs), que, em sua maioria, definem o pronome apenas como um pronome da 2ª pessoa, substituto do tu, circunscrito ao tratamento íntimo e familiar, e que alterna com o senhor, a senhora, usados no trato cerimonioso ou deferente.

Em relação à indeterminação, comprova-se semelhante inconsistência definitória e parcialidade das GNTs ao definirem o fenômeno pelo fato de apenas reconhecerem os dois clássicos tipos de indeterminação: a 3ª pessoa do singular dos verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, acompanhada do se (Vive-se bem nas cidades pequenas) e com a 3ª do plural sem referência anterior (Roubaram o banco). Recursos como você, a gente, o cara, o indivíduo, etc, raramente aparecem, e apenas ilustram notas de rodapé ou observações.

A idéia não é, entretanto, criticar as GNTs, mas comprovar que há muitos outros fatores envolvidos na indeterminação, como os semânticos, pragmáticos e discursivos, sem os quais não há garantias de uma análise satisfatória.

A realidade lingüística não pode ser desconsiderada. O pronome você indeterminador, com efeito, é utilizado freqüentemente pelos falantes e dá mostras de uma possível interferência na modalidade escrita da língua. Por que não pensar que a contínua utilização do pronome atue como fator relevante para que o você indeterminador passe a ser reconhecido pelas gramáticas como fazendo parte do quadro de indeterminação do português?

Perseguindo estas questões, a primeira parte do trabalho atém-se às definições que as GNTs atribuem ao pronome pessoal da 2ª pessoa, você, sua origem, seu lugar na teoria gramatical, e aos possíveis motivos pelos quais o pronome acrescenta à sua típica função de pronome de 2ª pessoa a de um indeterminador com valor de 3ª.

Desta “trajetória diacrônica” constata-se que o pronome passou por mudanças consideráveis desde o seu surgimento até os dias atuais, e nunca se apresentou como forma unívoca porque ele é, por excelência, polissêmico. Você nasce de uma transformação fonética e semântica do antigo pronome de tratamento vossa mercê, utilizado nos fins do século XIV em Portugal, como a forma de tratamento à realeza.

Desde a origem o pronome já traz uma não-homogeneidade interpretativa tanto do ponto de vista gramatical como semântico-pragmático. O primeiro pela discrepância entre concordância e pessoa (vossa mercê concorda com a 3ª pessoa pela relação com o substantivo mercê e não com a 2ª pessoa, tu), e o segundo pela confusão com o termo original mercê, que denotava “ora o ato de bem fazer ora a vontade de quem o pratica”(Bergo, 1959).

Vossa mercê, porém, não se instala como forma exclusiva de tratamento ao rei, e logo no século XVI há uma rápida extensão do tratamento aos fidalgos, duques, barões e, por último, no século XVII, à “gente do povo”, que do “uso e abuso da fórmula” (como quer Ali, 1971) contribuiu para o surgimento da variante você.

A transformação de vossa mercê, contudo, passa por etapas intermediárias e surgem diversas variantes dialetais que impedem que se trace um plano exato de mudança, mas, com base nas várias gramáticas investigadas, pode-se chegar à seguinte transformação: vossa mercê>vossemecê>vosmecê>você.

No Brasil, de acordo com Biderman (1972), você, como tratamento intermediário entre tu e vossa mercê, surgiu, provavelmente, no século XVIII. Como um indeterminador, infelizmente, não há estudos que comprovem a sua entrada no português (mas é possível arriscar que tenha sido na segunda metade do século XX).

Vale ressaltar que o processo de transformação do pronome foi fortemente influenciado por fatores sociais. O tratamento pessoal sempre esteve ligado aos graus de aproximação ou distanciamento entre interlocutores, seja por razões hierárquicas (profissão, grau de instrução, idade, parentesco, etc) ou por fatores como deferência, respeito, ou ainda fatores de ordem psicológica (como ironia ou desprezo), e seu “novo” comportamento indeterminador igualmente está correlacionado mais a fatores sociais que propriamente lingüísticos.

A segunda parte propõe-se, desta forma, a analisar as ocorrências do você indeterminador na tentativa de selecionar possíveis grupos de fatores que propiciassem o uso do pronome. Apenas quatro grupos foram investigados - grau de formalidade, sexo, faixa etária e situação de fala, tomando por base o corpus do Projeto NURC, coleção A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, nos seus três volumes: Elocuções formais (EFs) - aulas, conferências; Diálogos entre dois informantes (D2); Diálogos entre informante e documentador (DIDs).

A análise ancorou-se em alguns dos procedimentos metodológicos da Sociolingüística e da Teoria da Variação, e através de alguns dos recursos do programa Varbrul as ocorrências foram codificadas, totalizando 405.

Da análise dos grupos de fatores o grau de formalidade mostrou-se como fator decisivo para a ocorrência do pronome. A maioria delas está ligada a situações menos formais de fala, através das diretrizes fornecidas pelo contexto de situação, entendido como a junção de vários fatores lingüísticos (uso do léxico, de gírias, de expressões da oralidade que “quebram” o tom formal, entre outros) e extralingüísticos. Das 405 ocorrências só foram consideradas como mais formais apenas 3 ocorrências, as quais estiveram ligadas, em primeira instância, ao tipo de situação de fala (estão nas EFs), e por fazerem parte de um contexto mais formal.

Outro fator que propicia o uso do indeterminador é a situação de fala, apontando os D2 como maior influenciador, especificamente porque os diálogos sugerem maior proximidade entre os falantes. Sem dúvida a temática dos inquéritos também contribuiu para uma maior “desenvoltura discursiva”, já que os temas abordados são conhecidos pelo locutor, como cinema, televisão, teatro, religião, viagens, etc, e é exatamente a diferença contextual, social e lingüística pertinentes a cada tipo de situação que faz com que se possa marcar uma maior “informalidade” nos D2. Já nas EFs, do tipo aula expositivo-teórica ou conferências de caráter didático, os temas não sugerem muita “intimidade” entre interlocutores, além de haver maior incidência de construções sintáticas mais elaboradas, de idéias mais refletidas, entre outros. Atente-se para a

diferença: nas EFs computou-se 29 utilizações; nas DIDs 75; e nos D2 301, o que significa 76% do total; um número bastante significativo em termos percentuais.

O fator sexo também mostrou-se relevante: das 405 ocorrências, 307 estão na fala dos homens (76%), contra 98 na das mulheres (24%), indicando os homens como os falantes que mais se utilizam do você indeterminador. Por que razão? Os motivos não parecem ser outros. daqueles já abordados por vários autores, como Trudgill (1974), por exemplo. O autor, após pesquisar várias sociedades e línguas, observa que a fala das mulheres é mais conservadora do que a dos homens, notificando, ainda, que os próprios homens têm consciência de que as mulheres usam “melhor” a sua língua, utilizam-se mais das formas padrão e têm maior cuidado ao se expressar. Com base nisso, podemos inferir que as mulheres não se utilizam tanto do indeterminador talvez por terem “consciência” de que tal utilização é mais característica de uma linguagem menos formal.

A faixa etária também é fator que propicia o uso do pronome, e também parece não haver novidade ao confirmarmos que são os jovens, da 1ª faixa etária (25-35 anos), os que mais usam o pronome. A diferença é também significativa se compararmos as utilizações entre as 3 faixas: 342 ocorrências na 1ª; 38 na 2ª (36-55 anos); e 25 na 3ª (56 anos em diante). Há, assim, uma queda significativa nas utilizações, e a razão também não causa surpresas, uma vez que os adultos da 3ª faixa mostram maior tendência ao conservadorismo e às inovações da língua, ao contrário dos jovens, que são, geralmente, os inovadores ou se adaptam rapidamente às “novidades”. Acrescente-se que não há garantias de que a utilização do pronome seja uma característica dos falantes da 1ª faixa, ou que os falantes da 1ª sempre usem a indeterminação com o você, porque há exceções. Por exemplo, no inquérito 251, de uma informante da 1ª faixa, aparece apenas uma ocorrência do pronome. Enfim, não há regras categóricas que expliquem as ocorrências no discurso, e é impossível, em vista do comportamento estatístico, que se possa definir parâmetros fixos e invariáveis por faixas etárias e sexo dos falantes.

O interessante de uma análise em que os números dão as diretrizes é o valor informativo que a pesquisa adquire. E mesmo com o atenuante de que se trata de um corpus limitado de análise, com enunciados proferidos por falantes numa determinada época pode-se afirmar, pelos números, precisamente, os resultados. Neste trabalho, por exemplo, poder afirmar e informar que são os falantes do sexo masculino, da 1ª faixa etária, os que mais se utilizam do você indeterminador, especialmente em situações menos formais de fala, como nos diálogos entre dois informantes e um documentador. Por outro lado, a pura avaliação numérica dos dados acaba por restringir o acesso a outros fatores relevantes, como os pragmático-discursivos. Como bem diz Certeau (1996), o problema do processo estatístico de análise é que “contabiliza-se aquilo que é usado, não as maneiras de utilizá-lo”.

A proposta da terceira parte visa, assim, avaliar as ocorrências do pronome partindo em busca do seu significado em determinados momentos de produção, considerando-se que é o discurso o lugar do acontecimento, das estratégias interlocutivas, em que a relação estabelecida entre eu/tu e a situação discursiva garantem a significação do próprio discurso. Sem dúvida, um espaço de atividade, sem a possibilidade de desvinculá-lo da noção de uso e das intenções de quem fala num

determinado momento, utilizando-se de algum dos inúmeros recursos expressivos que a língua lhe oferece. Nesta perspectiva de análise, insiste-se na idéia de que quem fala não o faz aleatoriamente e há um jogo permanente de estratégias e efeitos de sentido pretendidos. Como se lê em Possenti (1988), não se trata apenas de uma atividade com a língua mas de um trabalho sobre ela, e “é nesta atividade que o sujeito se constitui enquanto tal, e exatamente por essa atividade”.

Basicamente, a análise se pauta na tentativa de depreender o significado da referência através da delimitação das pessoas envolvidas naquela referência, tomando por base fatores pragmáticos, contextuais e discursivos, e responder às possíveis perguntas que movem a análise: “quem é você?”, “como pode ser interpretado no enunciado x?”

Da análise dos enunciados chegou-se aos quatro tipos de funcionamento indeterminador. São eles:

1) referência ao próprio locutor.

O exemplo destacado diz respeito a uma informante que comenta sobre um regime emagrecedor que fez. Numa certa altura da entrevista o documentador lhe pergunta como era a dieta do seu regime e ela responde:

... não era nada extraordinário viu era até muito comum porque se podia comer de tudo você comia normalmente verduras...

Ou seja, vemos que na verdade a informante fala do seu regime e do que ela podia comer, mas indetermina sua posição particular no discurso. Por que razão? Por que usar a pessoa do interlocutor para falar de si?

Neste caso parece que o efeito pretendido está mais relacionado a um desejo de “ocultamento do eu” do que uma forma de aproximação do interlocutor para o que foi dito.

2) o você genérico, entendido como a soma de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, quando o locutor fala por ele, pelo seu interlocutor e por “todo mundo”, “quem quer que seja”. É o tipo mais comum e mais utilizado pelos falantes. Exemplo de um professor em uma aula sobre finanças, bancos. Note-se:

...Aquilo que você depositou durante esse período e aquilo que você retirou em cheques...então através disso você está controlando...porque você tem você assentou que você tem 5 mil cruzeiros...

Notemos que o locutor coloca o seu interlocutor como agente de uma situação hipotética, o qual, sem perceber, passa a a ser o dono dos 5 mil ...

Você, nesse enunciado, é todo e qualquer indivíduo que tenha conta em banco e que a controla. O professor é o porta-voz de uma “teoria”, generaliza o agente como uma forma de aproximação, ou seja, colocando o interlocutor como agente garante a sua atenção.

Outro exemplo:

...Quando você vai a Paris você vê a Vênus de Milo, você vê a Gioconda...

Ou seja, a referência é para todo e qualquer um que vá ao Louvre e que poderá ver tais obras... O efeito pretendido parece estar relacionado a uma maior aproximação entre interlocutores.

3) a referência ao locutor, mais um grupo específico de indivíduos, menos o interlocutor, que, muitas vezes, nada tem a ver com a situação na qual é inserido. Um bom exemplo é o de um locutor da 3ª faixa etária, quando fala de seu tempo, do qual o interlocutor não fez parte. Note-se o exemplo:

...Antigamente você ia ao cinema eram umas poltronas ótimas, você ficava bem acomodada ...depois passou uma época que você ia ao cinema tinha que ficar de pé numa fila enorme...

Vemos aí, inclusive, que o próprio item lexical “antigamente” dirige a significação, tirando o interlocutor da situação. A referência neste enunciado pode ser entendida como a referência à própria locutora, mais as pessoas que freqüentavam o cine na mesma época.

4) quando o pronome parece não referir nenhuma das 3 pessoas:

...Então, em Psicologia há modelos que não aceitam os testes de modo algum porque é difícil você realmente ter a medida do indivíduo...

Você, quem? Trocando-se você pelo se, ainda, o grau de indeterminação atinge o seu mais alto grau, e passa a equivaler a um impessoal, neutro:

Porque é difícil realmente se ter a medida real do indivíduo...

Não se pode dizer que neste enunciado haja propriamente uma relação pessoal, mas é possível, novamente, inferir o desejo de aproximação e de cumplicidade entre interlocutores.

É, assim, o contexto de produção dos enunciados que rapidamente faz com que se recupere a significação dos referentes e os encaminha para os devidos destinatários. Não há desentendimento entre interlocutores; o interlocutor não questionaria a referência, do tipo “você quem?”, “eu”?, mesmo quando chega a ser impossível incluí-lo na referência...

Conclusões desta 3ª parte:

- o você indeterminador é utilizado, basicamente, em função de aproximação do interlocutor, numa tentativa de buscar a sua cumplicidade;
- por outro lado também pode ser entendido como uma forma de “ocultamento do eu”, no intuito de não assumir para si (o locutor) responsabilidades;

- há uma transferência de papéis, na qual o interlocutor passa de ouvinte a agente de alguma situação hipotética, na qual qualquer indivíduo poderia se encontrar;
- fatores gramaticais também contribuem para identificar a referência, assim como os sociais;
- fica também claro nesta trajetória o fato de que o uso do indeterminador está relacionado à escolha do falante, que está ligada, por sua vez, à intenção deste em se fazer entender, através do recurso expressivo que julga mais adequado e que, por fim, identifica o seu estilo.

Enfim, o pronome você, assim como todos os pronomes pessoais, é estratégico, peculiar, e indica que há atrás de uma simples referência, uma vasta gama de intenções e efeitos de sentido com os quais o falante constrói seu discurso, e mesmo essas intenções e desejos não páram em uma análise pragmático-discursiva; há ainda outros ângulos e vieses que poderiam incrementar a análise, como o estudo de uma teoria da subjetividade, mas, por ora, registra-se, aqui, o velho chavão: essa fica para uma outra história.